

Efeito dominó

O dominó faz parte dos festejos dos Aguiar: união familiar



Carlos Vieira/CB/D'A Press

A história da família Aguiar se confunde com a de Brasília, erguida pedra a pedra, tal qual o jogo milenar. Assim como a capital federal, que se desenvolve a cada geração, a paixão pela disputa é passada para filhos, noras, netos e agregados

» MARYNA LACERDA

Dos canteiros de obra para a mesa de tabuleiro, Brasília e dominó têm muito em comum. Cidade e jogo são um contínuo emparrelhar de tijolos, pedras e sonhos. Onde se cruzam os eixos, ganha-se a partida. Ou a chegada, para quem veio de longe em busca de uma vida melhor, como Francisco Jocelin Aguiar, 81 anos. Aos 29, ele desembarcou de Sobral (CE) na capital recém-inaugurada, com a mulher e o primeiro dos três filhos. Começou na construção civil, trabalhou na Novacap, teve banca de jornal e panificadora. Ergueu prédios, fermentou pães e passou para duas gerações de herdeiros o interesse pelo dominó. Hoje, a família Aguiar tem 24 praticantes, entre filhos, noras, netos e agregados.

Os torneios marcam as datas festivas, como aniversários e feriados. “O jogo une amigos e família. Vamos para a casa de algum de nós e fazemos uma bagunça. Uma bagunça boa, uma diversão”, ressalta o patriarca. Um dos locais em que o grupo se reúne é na casa do cacula, Roberto Aguiar, no Cruzeiro Velho. Ali, as partidas reforçam laços.

As combinações de ponto e numeração, Francisco aprendeu na juventude. “Era só brincadeira mesmo. Jogava com vizinhos, primos”, lembra. Era a diversão suave em terra dura, castigada pela estiagem. “Para quem trabalhava em lavoura, a vida era muito difícil. A seca, naquela época, já era muito intensa”, conta. Em Brasília, também eram tempos de provação. “Isso aqui tudo era só lama e poeira. Se não era uma, era outra”, compara.

A tradição, trazida na bagagem dos Aguiar, ganhou o Planalto Central. Aqui, encontrou outros interessados no dominó, também vindos de outras terras. Virou, inclusive, coisa séria, assunto para profissional, sem perder o espírito lúdico. “O dominó é muito socializante. Qual-

quer pessoa, de qualquer idade, pode participar. Temos jogadores em todas as cidades do Distrito Federal”, conta Ronaldo Aguiar, brasileiro, filho de Francisco e presidente da Confederação Brasileira de Dominó. “Fundamos a entidade porque queríamos participar de torneios em estados e países. Desde a fundação, em 2003, fomos a cinco mundiais”, orgulha-se.

Culturas

Nas partidas em família, Ronaldo gosta mesmo é dos bastidores. “Fico na organização do evento, para que todos se divirtam. No último torneio que teve, em março, os meus sobrinhos até brincaram comigo dizendo que eu estava perdendo de lavada. Fiquei em último lugar”, ri. A competição foi pretexto para celebrar a peça fundamental na

trajetória da família, o aniversário de 73 anos de Francisca Miranda Vasconcelos Aguiar, a matriarca. E, assim como a cidade que casou céu e concreto, Francisca e Francisco completam 55 anos de união.

No tabuleiro, vence quem primeiro se desfaz das pe-

dras. Para quem trocou a cidade natal por Brasília, é como sentir eterna saudade da origem. “Eu tinha vontade de voltar. Sentia muita falta do Ceará, dos irmãos que ficaram lá. Não voltei, porque a família está toda aqui. Eles tiveram condições de estudar e todos são formados. Vou ficar até o último dia de vida”, garante Francisco.

A vitória é companheira por afinidade, de sotaques distintos e de histórias de vida tão semelhantes. Como um conjunto de dominó, em que cada pedra tem uma marca, um ponto, um valor, a capital federal se firma no diferente. “Brasília é acolhedora. Funde as culturas e, aos poucos, vai criando uma própria”, resume o cearense de nascimento e brasileiro de criação Raimundo Aguiar, 52 anos, o mais velho dos irmãos da família.


**O jogo une
amigos e família.
Vamos para a casa
de algum de nós
e fazemos
uma bagunça”**

**Francisco Jocelin Aguiar,
81 anos**